

*Paulo Roberto de Almeida*

# ***Globalizando***

**Ensaio sobre a globalização  
e a antiglobalização**



**Brasília  
Edição do Autor  
2009**



*Globalizando*  
**Ensaio sobre a globalização  
e a antiglobalização**

*Copyright* © Paulo Roberto de Almeida, 2009

**Contato com o autor:**

[www.pralmeida.org](http://www.pralmeida.org)

[pralmeida@mac.com](mailto:pralmeida@mac.com)

Tel.: (55.61) 9208-0082

Fax: (55.61) 3347-7792

***Paulo Roberto de Almeida***

Doutor em ciências sociais  
Mestre em economia internacional  
Diplomata

***Globalizando***  
**Ensaio sobre a globalização  
e a antiglobalização**

**Brasília**  
**Edição do Autor**  
**2009**

© Todos os direitos reservados. Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais é proibida a reprodução total ou parcial deste livro, de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, sem permissão por escrito do Autor.

CIP – Brasil. Catalogação na fonte  
SIB – Sistema de Bibliotecas

(*Provisório; incompleto*)

Almeida, Paulo Roberto de  
Globalizando: ensaios sobre a globalização e a antiglobalização/  
Paulo Roberto de Almeida. — Brasília: Edição do autor, 2009.  
273 p.

ISBN: 978-85-xxxx-xxx-x

1. Economia política internacional. 2. Relações internacionais. 3.  
História. 4. Desenvolvimento. 5. Globalização. 6. Brasil. 7. Título

CDU:

Informação sobre a capa:

*Orbis Universalis*, 1512

Reprodução do fac-símile existente na mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, situada no Arquivo Histórico Diplomático, no Rio de Janeiro.

O mapa-mundi do veneziano Jerônimo Marini, de 1512, é a primeira carta onde aparece o nome Brasil para designar as terras até então conhecidas como de Vera Cruz, Santa Cruz, dos papagaios ou 'del brazille'. Desenhado em pergaminho, é um dos poucos mapas manuscritos do início do século 16 hoje existentes. Está de cabeça para baixo, pois, por influência dos costumes árabes, ele é orientado pelo sul. A Palestina, onde há um presépio, é colocada no centro da Terra, conforme a tradição medieval. O mapa apresenta os defeitos da época, como a representação errada da Inglaterra. Por outro lado, é inovador quanto à colocação mais exata da Escandinávia e da península de Malaca. A obra de Marini, cujo original está na Libreria Antiquari Pio Luzzeti, em Roma, é de grande importância na história geral da cartografia, pois documenta uma concepção veneziana do mundo que estava sendo descoberto. O Equador, embora passando ao sul de Gibraltar, corta o Mediterrâneo, ainda considerado, como na Idade Média, o eixo das terras habitadas. É também característica veneziana a presença maciça das regiões asiáticas, pólo de atração da época. Da América, vê-se apenas a costa oriental, com destaque para o Brasil. Em torno do mapa estão alegorias representando o Sol, a Lua, as estrelas e os ventos. Nos extremos oriental e ocidental, duas esfinges simbolizam os mistérios do mundo, que só mais tarde Fernão de Magalhães decifraria.

Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa83.htm>

Imagem: <http://www.dissonancia.com/2006/77-06-008.jpg>

*Ridendo castigat mores.*

Jean-Baptiste Poquelin, aliás Molière (1622-1673)

“O Brasil converter-se-á num dos mais formosos estabelecimentos do globo (nada para isso lhe falta) quando o tiverem libertado dessa multidão de impostos, desse cardume de recebedores que o humilham e oprimem; quando inúmeros monopólios não mais encadearem sua atividade; quando o preço das mercadorias que lhe trazem não mais for duplicado pelas taxas que andam sobrecarregadas; quando os seus produtos não pagarem mais direitos ou não os pagarem mais avultados que os dos seus concorrentes; quando as suas comunicações com as outras possessões nacionais se virem desembaraçadas dos entraves que as restringem...”.

Guillaume-Thomas Raynal, conhecido como Abade Raynal, *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des européens dans les deux Indes* (Amsterdam, 1770); Apud Manuel de Oliveira Lima, *D. João VI no Brasil* (3ª. ed.; Rio de Janeiro: Topbooks, 1996), p. 58-59.



## **Sumário**

À maneira de prefácio:

O altermundialismo, uma enfermidade infantil da globalização

### **Parte I**

#### **Globalização**

1. O Brasil e os primeiros 500 anos de globalização capitalista
2. Contra a corrente: treze idéias fora do lugar sobre as relações internacionais
3. A globalização e as desigualdades: quais as evidências?
4. Três vivas ao processo de globalização: crescimento, pobreza e desigualdade
5. Distribuição mundial da renda: evidências desmentem concentração e divergência
6. O Brasil e os impactos econômicos e sociais da globalização
7. Globalização perversa e políticas econômicas nacionais: um contraponto

### **Parte II**

#### **Antiglobalização**

8. Contra a anti-globalização: Contradições, insuficiências e impasses do movimento
9. A globalização e seus descontentes: um roteiro sintético dos equívocos
10. A globalização e seus benefícios: um contraponto ao pessimismo
11. Fórum Social Mundial: nove objetivos gerais e alguns grandes equívocos
12. Um outro Fórum Social Mundial é possível... (aliás, é até mesmo necessário)
13. Fórum Social Mundial 2008: menos transpiração, mais inspiração, por favor...
14. Fórum Surreal Mundial: pequena visita aos desvarios dos antiglobalizadores
15. Uma previsão marxista...
16. Perguntas impertinentes a um amigo anti-globalizador

À guisa de conclusão:

Se, *nouvelle manière* (ou as qualidades do homem na globalização)

Obras de Paulo Roberto de Almeida

## Índice

À maneira de prefácio:	
O altermundialismo, uma enfermidade infantil da globalização	17

### Parte I

#### ***Globalização***

<b>1. O Brasil e os primeiros 500 anos de globalização capitalista</b>	
1.1. Introdução	23
1.2. A globalização mercantilista: as grandes descobertas e a expansão dos séculos 16-18	24
1.3. A globalização da Revolução Industrial: manufaturas e novos impérios coloniais	27
1.4. A globalização em compasso de espera: crises e recessão mundial no século 20	29
1.5. A nova globalização capitalista: sob a sombra da <i>Pax Americana</i>	31
1.6. Conclusão	36
<b>2. Contra a corrente: treze idéias fora do lugar sobre as relações internacionais</b>	46
2.1. O mundo é injusto e desigual, está baseado nas relações de força e na prepotência dos poderosos	48
2.2. O Brasil está situado na periferia, por razões históricas e estruturais, e portanto forçado a uma situação de dependência em relação às poderosas nações centrais	49
2.3. A dominação econômica de empresas multinacionais atua como obstáculo para nossa independência tecnológica e se reflete em relações desiguais na balança tecnológica	50
2.4. O Brasil não consegue exportar devido ao protecionismo dos países ricos que protegem seus setores estratégicos ou sensíveis. O Brasil deveria fazer o mesmo	53
2.5. O multilateralismo e os agrupamentos regionais representam nossa melhor defesa no plano mundial, por isso precisamos atuar mediante grupos de países (G-77, Mercosul etc.)	56
2.6. Devemos reforçar os laços com os grandes países em desenvolvimento (China, Índia, Rússia) e com os da América do Sul, onde podemos dispor de vantagens comparativas	61
2.7. Só podemos abrir nossa economia e liberalizar o comércio na base da estrita barganha recíproca e com o oferecimento de concessões equivalentes e substantivas	66
2.8. Os capitais voláteis são responsáveis pela desestabilização de nossas contas externas e devem ser estritamente controlados	71
2.9. Os tratados devem ser sempre recíprocos e respeitadores de nossa soberania e autonomia nacional	74

2.10. A globalização acentua as desigualdades dentro e entre as nações. Por isso o Brasil deve evitar uma abertura excessiva à economia mundial	77
2.11. Processos de liberalização entre parceiros muito desiguais beneficiam principalmente os mais poderosos, por isso devemos primeiro corrigir assimetrias estruturais	80
2.12. Nossa diplomacia é altamente capacitada e profissional, reconhecida pelos seus dotes de excelência	84
2.13. A ação diplomática brasileira deve servir ao processo de desenvolvimento nacional	86
<b>3. A globalização e as desigualdades: quais as evidências?</b>	
3.1. Tendências à divergência e à concentração na economia mundial	92
3.2. Tendências demográficas: a globalização promove a transição	93
3.3. Mudanças tecnológicas: os fatores determinantes são domésticos	94
3.4. O mito do “intercâmbio desigual”	94
3.5. Globalização financeira: para o bem e para o mal	95
3.6. A globalização como bode expiatório de políticas nacionais	96
<b>4. Três vivas ao processo de globalização: crescimento, pobreza e desigualdade</b>	
4.1. Mea culpa: <i>miserere nobis illusionis est</i>	97
4.2. A anti-globalização e os seus descontentes: em busca de coerência	100
4.3. O que era preciso demonstrar: o economista como profeta	102
4.4. Vinde a mim os pobres deste mundo?: os milagres da globalização	105
4.5. Uma proposta modesta: o neomarxismo da globalização	107
<b>5. Distribuição mundial da renda: evidências desmentem concentração e divergência</b>	
5.1. De volta ao problema (equivocado) do crescimento da pobreza mundial	110
5.2. A diminuição da pobreza mundial: velhas e novas evidências	112
5.3. Os dados do problema: questões metodológicas e descobertas empíricas	113
5.4. A pobreza no mundo: diminuindo, a despeito de tudo	117
5.5. O mundo é menos desigual: como isso ocorre, e por quais razões?	120
5.6. Uma palavra final: os antiglobalizadores precisam mudar o discurso...	124
<b>6. O Brasil e os impactos econômicos e sociais da globalização</b>	
6.1. Um debate marcado por posições maniqueístas	128
6.2. A globalização, o “fim da geografia” e a inserção desigual	130
6.3. O Brasil na economia mundial	135
6.4. Impactos e desafios do processo de globalização	142
6.4.1. A abertura externa leva ao debilitamento das políticas nacionais?	143
6.4.2. A globalização aumenta ou diminui as desigualdades intra- e entre-Estados?	144
6.4.3. A globalização se traduz num padrão uniforme de políticas públicas?	149

6.4.4. Crises financeiras são o resultado da globalização?; a integração regional é o remédio?	152
6.4.5. A globalização significa menos democracia e maior dominação de cartéis e monopólios?	153
6.4.6. Impactos econômicos e sociais da globalização ou do sistema de mercado?	155
<b>7. Globalização perversa e políticas econômicas nacionais: um contraponto</b>	163
7.1. Abertura econômica e liberalização comercial	164
7.2. Ausência de projeto estratégico	165
7.3. Políticas não-ortodoxas de desenvolvimento	166
7.4. As supostas políticas não-liberais da China	167
7.5. A Índia como promotora do mercado interno	168
7.6. O papel do cobre nacionalizado no sucesso do Chile	169
7.7. O Brasil penalizado pelos seus juros excessivamente altos	170
7.8. Políticas monetária e cambial do Brasil nocivas ao crescimento econômico	171

## Parte II

### *Antiglobalização*

<b>8. Contra a anti-globalização: Contradições, insuficiências e impasses do movimento</b>	
8.1. Uma longa (mas necessária) introdução metodológica e de princípios	175
8.2. Contradições da anti-globalização: carência de fatos, de método, de análises	179
8.3. Pensando o impensado: existem idéias concretas sobre temas concretos?	183
8.3.1. Protecionismo agrícola e vantagens comparativas dos mais pobres	184
8.3.2. Dívida externa, movimentos de capitais e globalização financeira	185
8.3.3. Competição aberta contra mercados regulados e fechados	187
8.3.4. Instituições de solução de controvérsias em face do arbítrio comercial	188
8.3.5. Crescimento e pobreza, ou o que a globalização pode fazer por eles	189
8.3.6. Concentração da renda e desigualdades	189
8.3.7. Tecnologia proprietária e dependência tecnológica	190
8.3.8. Meio ambiente e mercado: um instável equilíbrio	191
8.4. Diagnóstico de duas enfermidades precoces: autismo e esquizofrenia	192
<b>9. A globalização e seus descontentes: um roteiro sintético dos equívocos</b>	199
9.1. A globalização e o desenvolvimento: convergências ou divergências?	201
9.2. A globalização e as políticas neoliberais: elas produzem recessão e desemprego?	201
9.3. O “consenso de Washington” fracassou na América Latina? E o caso do Chile?	202

9.4. Liberalização comercial e produtividade: quais as evidências nesse campo?	202
9.5. Liberalização financeira e capitais voláteis: e o problema da estabilidade?	202
9.6. Relações de trabalho e desemprego: quais as lições dos países mais flexíveis?	202
9.7. Inserção internacional e interdependência econômica: quais são os problemas?	202
9.8. Patentes e países pobres: como avançar em ciência e tecnologia?	202
9.9. Investimentos externos e autonomia tecnológica: eles são opostos?	203
9.10. Segurança alimentar e protecionismo agrícola: e a situação dos países mais pobres?	203
9.11. Taxas sobre fluxos de capitais: elas são positivas ou mesmo necessárias?	203
9.12. Livre-comércio ou mercantilismo: o que é bom para o crescimento?	203
9.13. Conclusões: os mitos e equívocos sobre a globalização	203
<b>10. A globalização e seus benefícios: um contraponto ao pessimismo</b>	
10.1. Uma controvérsia politicamente enviesada	204
10.2. A globalização provoca miséria e desigualdade?	206
10.3. As desigualdades estruturais da globalização capitalista agravaram-se?	208
10.4. Os benefícios da globalização: redução da miséria e das desigualdades	212
<b>11. Fórum Social Mundial: nove objetivos gerais e alguns grandes equívocos</b>	216
11.1. Pela construção de um mundo de paz, justiça, ética e respeito pelas espiritualidades diversas	217
11.2. Pela libertação do mundo do domínio das multinacionais e do capital financeiro	218
11.3. Pelo acesso universal e sustentável aos bens comuns da humanidade e da natureza	219
11.4. Pela democratização do conhecimento e da informação	221
11.5. Pela dignidade, diversidade, garantia da igualdade de gênero e eliminação de todas as formas de discriminação	221
11.6. Pela garantia dos direitos econômicos, sociais, humanos e culturais, especialmente os direitos à alimentação, saúde, educação, habitação, emprego e trabalho digno	222
11.7. Pela construção de uma ordem mundial baseada na soberania, na autodeterminação e nos direitos dos povos	223
11.8. Pela construção de uma economia centrada nos povos e na sustentabilidade	224
11.9. Pela construção de estruturas políticas realmente democráticas e instituições com a participação da população nas decisões e controle dos negócios e recursos públicos	225

<b>12. Um outro Fórum Social Mundial é possível... (aliás, é até mesmo necessário)</b>	
12.1. Onde se encontra o outro mundo possível?	228
12.2. Quem sabe um outro Fórum seja possível?	229
<b>13. Fórum Social Mundial 2008: menos transpiração, mais inspiração, por favor...</b>	
13.1. Déjà vu, all over again	231
13.2. Repetindo velhos argumentos (equivocados)	232
13.3. A mobilização pela mobilização (isso deve cansar)	233
13.4. Os jornalistas estão fazendo o seu trabalho corretamente?	234
<b>14. Fórum Surreal Mundial: pequena visita aos desvarios dos antiglobalizadores</b>	
14.1. Globalizados contra a globalização: reação freudiana?	236
14.2. Objetivos reciclados nos últimos três anos: falta de idéias?	238
14.3. Pelo menos um objetivo novo: alguma grande contribuição intelectual?	240
14.4. Os “sábios” da antiglobalização: mais bem dotados que os jovens?	242
14.5. Mais uma dúzia de propostas para um outro mundo possível: será possível?	244
14.5.1. Cancelamento da dívida externa dos países do Sul	244
14.5.2. Introdução da Taxa Tobin sobre transações financeiras	245
14.5.3. Desmantelamento dos paraísos fiscais	246
14.5.4. Benefícios sociais sem discriminação de gêneros	247
14.5.5. Comércio justo com exclusão da liberalização de serviços	248
14.5.6. Soberania alimentar e barreiras a OGMs	248
14.5.7. Contra patentes de conhecimento e a privatização de bens comuns	249
14.5.8. Contra todas as discriminações, pelos direitos de povos indígenas	250
14.5.9. Defesa dos recursos naturais, sobriedade energética	250
14.5.10. Contra bases estrangeiras, salvo a serviço da ONU	250
14.5.11. Direito à informação, contra os grandes grupos de comunicação	251
14.5.12. Democratização ampla das organizações internacionais	251
14.6. A caminho de Belém 2009: alguma esperança de idéias novas?	251
<b>15. Uma previsão marxista sobre o “fim da história” e os equívocos atuais dos antiglobalizadores</b>	
15.1. Da profecia, enquanto engenharia social	254
15.2. O fim da história, enquanto profecia otimista	255
15.3. O capitalismo não tem manual de instruções (aliás, nem o socialismo)	256
15.4. O socialismo tropeça no cálculo econômico	257

15.5. Marx: habitual de Davos e articulista da <i>Economist</i>	258
<b>16. Perguntas impertinentes a um amigo anti-globalizador</b>	
16.1. Sem querer ofender ninguém...	261
16.2. Quem afirma tem o dever de provar...	262
16.3. Doze perguntas em busca do outro mundo possível...	263
À guisa de conclusão: Se, <i>nouvelle manière</i> (ou as qualidades do homem na globalização)	267
Obras de Paulo Roberto de Almeida	271



## **À maneira de prefácio: O altermundialismo, uma enfermidade infantil da globalização**

Incrível atualidade a da frase transcrita no frontispício deste livro, de uma das cabeças mais lúcidas do século 18 francês. Anti-escravagista em plena era do tráfico africano, pensador iluminista, conhecedor das coisas do mundo, mesmo sem ter viajado fora da Europa ocidental, o abade Raynal (Guillaume-Thomas) poderia ser descrito, em linguagem moderna, como um “globalizador esclarecido”, categoria à qual eu mesmo me orgulharia de pertencer, se existisse entre nós tal clube filosófico. Com efeito, a sua provocadora *Histoire philosophique et politique des établissements & du commerce des européens dans les deux Indes* pode ser chamada de primeiro tratado da globalização dos tempos modernos, ou *le premier traité de la mondialisation*, como prefeririam os franceses, sempre suscetíveis nessas coisas de anglofonia.

Raynal começa o primeiro livro de sua enorme obra (6 volumes) proclamando a revolução que tinha sido a passagem do cabo da Boa-Esperança: “uma revolução então começou no comércio, na potência das nações, nos costumes, na indústria e no governo dos povos. Foi nesse momento que os homens dos lugares mais distantes se fizeram necessários: os produtos dos climas equatoriais são consumidos nos climas vizinhos do pólo; a indústria do norte é transportada ao sul; os tecidos do Oriente vestem o Ocidente, e em todas as partes os homens trocam suas opiniões, suas leis, seus hábitos, seus remédios, suas enfermidades, suas virtudes e seus vícios”. Além de lúcido, nosso abade era um visionário: “Tudo mudou e tudo deve mudar ainda. Mas, as revoluções passadas e aquelas que ainda vão vir, podem ser úteis à natureza humana? O homem, por causa delas, gozará um dia de mais tranquilidade, de mais virtudes ou de mais prazeres? Poderão elas torná-lo melhor, ou elas apenas o mudarão um pouco?”<sup>1</sup>

Estas perguntas, filosóficas, de fato, são examinadas à luz da obra colonizadora dos europeus: “Depois que se conheceu a América e a rota do Cabo, nações que não eram nada se tornaram poderosas; outras, que faziam estremecer a Europa, se enfraqueceram. Como essas descobertas influenciaram o estados dos povos? Por que,

---

<sup>1</sup> As obras de Raynal estão disponíveis em formato digital no site da Bibliothèque Nationale de France, também através do portal da coleção Europeana: <http://www.europeana.eu/portal/briefdoc.html?start=1&view=table&query=Abb%C3%A9+Raynal>.

enfim, as nações mais florescentes não são exatamente aquelas com as quais a natureza foi mais pródiga?” Ele começa a explorar essas questões, partindo do pressuposto da unificação comercial do mundo sob a hegemonia do se poderia chamar, hoje em dia, de capitalismo ocidental. A análise de Raynal é absolutamente atual, podendo-se dizer que seus argumentos parecem referir-se à globalização contemporânea.

Esta coleção de ensaios pessoais também é colocada sob o signo controverso da globalização, aliás, bem mais do lado do abade Raynal do que dos modernos êmulos daqueles representantes das correntes anti-iluministas que colocaram sua obra no *index* dos livros proibidos e tentaram calar sua voz incômoda e libertária. Após a publicação da terceira edição da sua *História filosófica das duas Índias*, seus inimigos a fazem condenar pelo Parlamento de Paris, queimando-a em praça pública, enquanto ele se refugiava na Suíça (onde ele faz construir um monumento em honra à liberdade). Ele freqüenta em seguida as cortes de Frederico II, da Prússia, e a de Catarina II, da Rússia.

Às vésperas da Revolução, ele encarna os ideais do Iluminismo e dos direitos humanos e protesta contra a autocracia e a escravidão nos territórios coloniais, cujos horrores ele conhecia por ser descendente de uma família de grandes comerciantes (e de traficantes). Perseguido pelo *ancien Régime*, ele logo se coloca também contra os exageros do novo regime, como declarado em sua carta à Assembléia Nacional em 31 de maio de 1791: “eu alertei os reis quanto aos seus deveres; inquietai-vos que hoje eu fale ao povo dos seus erros”.

Com efeito, mesmo os bem intencionados cometem erros, como por exemplo, hoje, os chamados *altermondialistes* franceses – e seus seguidores miméticos no Terceiro-Mundo, conhecidos como antiglobalizadores –, ao pretender substituir as iniquidades da globalização capitalista por sistemas econômicos que fariam os povos das antigas colônias ainda mais pobres do que eles já são.

De fato, ao examinar os escritos, declarações, manifestos, slogans e consignas dos antiglobalizadores, e ao confrontá-los com os dados da realidade, tanto no plano da história, como da atualidade, ou ainda no âmbito da simples lógica formal, impossível não chegar à conclusão de que eles se equivocam redondamente sobre o mundo, seus problemas e respectivas soluções. Pode-se, inclusive, parafrasear a velha frase: nunca, tantos se enganaram tanto, sobre tantos assuntos.

Há muitos anos venho observando o curioso fenômeno da antiglobalização: não posso me impedir de admirar e também de sorrir face à ingenuidade de tantos jovens, sinceramente armados de idealismo, desejosos de corrigir os defeitos deste mundo. Mas tampouco posso evitar uma sensação de cansaço ante tantos slogans repetidos, retomando aborrecidamente chavões de décadas atrás, quando eu também marchava contra o imperialismo e a dominação do capital financeiro internacional. Creio, sim, que o movimento altermundialista é uma enfermidade infantil da globalização. Como não existe uma vacina contra ele, é preciso esperar que os sinais da enfermidade se tornem cada vez mais tênues, até desaparecer por completo, quando todos os jovens estiverem devidamente globalizados, como aliás já estão os da antiglobalização (mas no seu caso, eles pegam continuamente o vírus com professores alienados da academia).

Tenho menos complacência, justamente, em face desses velhos representantes da academia, que parecem não ter aprendido absolutamente nada a partir do itinerário de desastres do socialismo real, no século 20. Velhos sindicalistas podem ser perdoados por marcharem contra a “deslocalização”, posto que, afinal de contas, eles não estão fazendo mais do que o seu dever, ao defender a manutenção dos empregos de seus associados em seus respectivos países. Mas intelectuais de gabinete, que repetem slogans monotemáticos, simplificando uma realidade complexa e induzindo jovens a se engajarem em causas perdidas, não estão apenas equivocados; eles também podem ser considerados intelectualmente desonestos, posto que dispendo de todos os instrumentos para se informar (e se formar).

A acusação é grave, e ela se refere não apenas a equívocos materiais, digamos de avaliação econômica da realidade. Ela tem a ver com um slogan absolutamente vazio, o tal de “outro mundo possível”: jamais fomos contemplados com a arquitetura desse outro mundo prometido, nunca apresentado em seus contornos materiais ou sequer “filosóficos”. Esses acadêmicos vivem do movimento pelo movimento, numa espécie de moto perpétuo mental, aliás, girando em circuito fechado, posto que imune e isolado de todo e qualquer debate que não seja no interior do próprio movimento.

Ao condenar o tal de “pensamento único” – que seria, supostamente, o do neoliberalismo – esses acadêmicos alienados conseguem ostentar o mais rígido pensamento único conhecido na atualidade. De resto, o conjunto do movimento

antiglobalizador pode ser acusado de sectarismo e tribalismo: só podem participar dos seus encontros, aqueles que aderem ao credo filosófico que constitui a “bíblia” do movimento antiglobalizador. Os que não estão habituados aos rituais da tribo encontrarão nesta coleção de ensaios farto material probatório.

Os trabalhos aqui compilados falam por si mesmos. Eles tanto dão a palavra ao movimento antiglobalizador – pois que reproduzindo fielmente suas teses e argumentos mais repetidos – quanto se dedicam à anatomia desse pensamento redutor e simplista. Cada um dos ensaios está datado cronologicamente, o que explica pequenas repetições nos argumentos aqui e ali. De resto, eles devem se sustentar por si mesmos, e submeter-se à crítica dos leitores, entre os quais espero encontrar muitos jovens idealistas e alguns irreduzíveis antiglobalizadores. Não tenho o hábito de ser politicamente correto, nem o de dobrar-me a conveniências do momento. Alguns dos trabalhos aqui compilados, já publicados anteriormente, podem explicar minha posição singular tanto na academia, quanto em outros ambientes. Não sou de esconder minhas posições. A todos de julgar.

Paulo Roberto de Almeida  
Brasília, 26 de dezembro de 2008.

## Obras de Paulo Roberto de Almeida

- O Moderno Príncipe (Maquiavel revisitado)* (Brasília: edição do autor, 2007)
- O estudo das relações internacionais do Brasil: um diálogo entre a diplomacia e a academia* (nova edição; Brasília: Editora LGE, 2006, 388 p.; ISBN: 85-7238-271-2; 1ª ed.: 1999)
- Formação da diplomacia econômica no Brasil: as relações econômicas internacionais no Império* (2ª edição; São Paulo: Editora Senac, 2005, 680 pp., ISBN: 85-7359-210-9; 1ª edição: 2001)
- Relações internacionais e política externa do Brasil: história e sociologia da diplomacia brasileira* (2ª ed.: revista, ampliada e atualizada; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, 440 p.; coleção Relações internacionais e integração nº 1; ISBN: 85-7025-738-4; 1ª edição: 1998; ISBN: 85-7025-455-5)
- A Grande Mudança: conseqüências econômicas da transição política no Brasil* (São Paulo: Editora Códex, 2003, 200 p.; ISBN: 85-7594-005-8)
- Une histoire du Brésil: pour comprendre le Brésil contemporain* (avec Katia de Queiroz Mattoso; Paris: Editions L'Harmattan, 2002, 142 p.; ISBN: 2-7475-1453-6)
- Os primeiros anos do século XXI: o Brasil e as relações internacionais contemporâneas* (São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002, 286 p.; ISBN: 85-219-0435-5)
- Le Mercosud: un marché commun pour l'Amérique du Sud* (Paris: L'Harmattan, 2000, 160 p.; ISBN: 2-7384-9350-5)
- O estudo das relações internacionais do Brasil* (São Paulo: Editora da Universidade São Marcos, 1999, 300 p.; ISBN: 85-86022-23-3)
- O Brasil e o multilateralismo econômico* (Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 1999, 328 p.; coleção Direito e Comércio Internacional; ISBN: 85-7348-093-9)
- Velhos e novos manifestos: o socialismo na era da globalização* (São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 1999, 96 p.; ISBN: 85-7441-022-5)
- Mercosul: Fundamentos e Perspectivas* (São Paulo: Editora LTr, 1998, 160 p.; ISBN: 85-7322-548-3)
- O Mercosul no contexto regional e internacional* (São Paulo: Edições Aduaneiras, 1993, 204 p.; ISBN: 85-7129-098-9)

### Coordenação:

- Relações Brasil-Estados Unidos: assimetrias e convergências* (São Paulo: Editora Saraiva, 2006, ISBN: 85-02-05385-X; com Rubens Antônio Barbosa).
- Envisioning Brazil: a guide to the study of Brazil in the United States, 1945-2002* (Madison: Wisconsin University Press, 2005, 536 p, ISBN: 0-299-20770-6; com Marshall C. Eakin).
- O Brasil dos brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2001* (São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002, 514 p., ISBN: 85-219-0441-X; com Rubens Antônio Barbosa e Marshall C. Eakin).
- Mercosul, Nafta e Alca: a dimensão social* (São Paulo: LTr, 1999, 272 p.; ISBN: 85-7322-635-8; com Yves Chaloult).

Composto em dezembro de 2008  
por Paulo Roberto de Almeida  
MacBookPro e iMac  
Microsoft Word 2008 for Mac  
Times New Roman, 11, 12, 14